

OS LAÇOS E SUAS MARGENS

Gilberto Mendonça Teles (CES/JF)

RESUMO

Breve leitura do livro de contos de Clarice Lispector, **Laços de família**, com destaque para algumas figuras femininas densas e problemáticas, tão presentes na obra da autora.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Contos; Clarice Lispector.

ABSTRACT

A brief reading of the book of short stories of Clarice Lispector, **Laços de família**, with attention to some of the dense and problematic female figures, so present in the writings of the author.

Keywords: Brazilian Literature; Short stories; Clarice Lispector.

* * *

Para uma escritora como Clarice Lispector, um livro é uma unidade, mesmo que seja inicialmente uma sucessão de apontamentos em torno de um mesmo assunto, como se deu com **Perto do coração selvagem**, seu primeiro romance. Tratando-se, porém, de um livro de contos, como é o caso dessa obra-prima que é **Laços de família**, a unidade, consciente ou inconscientemente buscada, adquire um sentido especial que é ao mesmo tempo uma significação e uma direção: é a significação particular e altamente organizada de cada conto e, também, a convergência dessas significações que, sem se somarem, se apresentam enlaçadas por um título comum, numa daquelas reuniões não sintéticas mais pertinentes à lógica da poesia do que à lógica da linguagem comum. O título de um livro de contos (ou de poemas) deve funcionar assim como uma palavra plurissêmica, contendo os principais traços semânticos de cada conto e sendo simultaneamente uno e vários, signo de cada conto e signo dos contos reunidos.

É o que podemos ler nesse livro de contos de Clarice Lispector, que teve primeiramente, na edição do MEC, o nome de **Alguns contos**, antes que a essa coleção se juntassem outros,



em 1959, mas agora sob o nome definitivo de **Laços de família**. A expressão, tomada à linguagem comum (Cf. "laços de matrimônio", "laços políticos", "de parentesco", etc.), se apóia no sentido figurado de laços, no plural, onde se misturam as acepções de vínculo e estratégia. Daí a sua possível e necessária ambigüidade: reunião de contos sobre temas de família e, também, estratégias de que o narrador se vale para nos revelar o âmago e o omega do sistema familiar, mostrando o cotidiano e revelando os seus mistérios (o "canto secreto", "o mistério partilhado") e até o seu "ponto de ódio", como no caso da mulher de casaco marrom, "a fêmea rejeitada" que em "O búfalo", chega a perguntar: "Mas onde, onde encontrar o animal que lhe ensinasse a ler o seu próprio ódio?" (1994, p.163).

Os treze contos de **Laços de família** funcionam, em nível de livro, como uma série de armadilhas para se apreenderem alguns momentos verossímeis da vida em família, tal como a Ana do conto "Amor" prende "o instante entre os dedos antes que ele nunca mais fosse seu". Num estudo maior, esses contos, mais ou menos simetricamente dispostos ao longo do livro, podem ser reagrupados em três conjuntos que se distinguem pelos sujeitos de suas histórias: em nove deles, as personagens são mulheres; em três, são homens; havendo um cuja personagem é na verdade uma galinha, justamente um texto escrito de encomenda, em forma de crônica. Todos esses contos estão, entretanto, atravessados pelo eixo do cotidiano, pela luz e sujeira de cada dia de aconchego e tribulações familiares. Aliás, as palavras família e mistério (ou sinônimas) percorrem todo o livro, como que estabelecendo as margens de um espaço povoado de seres em cumplicidade com seus próprios Lares e Manes, abertos à aventura e ao imaginário, como no conto "Preciosidade" quando a adolescente espera que o seu cruzamento na rua com quatro rapazes

se reduzisse ao essencial necessário — à queda do primeiro dos sete mistérios que tão secretos eram que deles ficariam apenas uma sabedoria: o número sete. (1994, p. 112)

A maioria dos contos tem a mulher como protagonista. E ela nos é mostrada por um narrador onisciente cuja tradicionalidade todavia não se manifesta devido ao forte teor poético da linguagem, revestida desse tom de mistério que



singulariza e faz permanentemente atual a obra de Clarice Lispector, que sabe reunir, com naturalidade, a transparência necessária à narrativa e a opacidade essencial à poesia. Basta a leitura de um conto como "Mistério em São Cristóvão" para se perceber como a máscara metafórica corrói as estruturas da narrativa tradicional, levando o linear da história a uma contenção de linguagem nitidamente poética. Na madrugada de uma família burguesa "uma mocinha magra de dezenove anos" espia três mascarados que entraram no seu jardim para colher jacintos:

Mal porém quebrara a haste do jacinto maior, o galo interrompeu-se gelado. Os dois outros pararam num suspiro que os mergulhou em sono.

Atrás do vidro escuro da janela estava um rosto branco olhando-os.

O galo mobilizara-se no gesto de quebrar o jacinto. O touro quedara-se de mãos ainda erguidas. O cavalheiro, exangue sob a máscara, rejuvenescera até encontrar a infância e seu horror. O rosto atrás da janela olhava.

Nenhum dos quatro saberia que era o castigo do outro. Os jacintos cada vez mais brancos na escuridão. Paralisados, eles se espiavam. (1994, p. 141/142).

As personagens femininas, qualquer que seja a ação que executam nesse livro, estão sempre em função de um quadro familiar, presente ou sugerido que, bem ou mal, se articula numa sociedade cujas relações afetivas ou deprimentes, não chegam a ser perigosas embora constituam os motivos, os elementos que movem a personagem a devanear, como a portuguesinha que acaricia uma vaga sensação de adultério e uma não menos vaga e meio humorística sensibilidade artística ("Ninguém lhe tiraria cá das idéias que nascera mesmo para outras coisas. Ela sempre fora pelas obras d'arte") ou como Laura que, diante da "tranqüila beleza" das rosas, recebe o marido desabrochada e serena na sua loucura, "como um trem. Que já partira". (1994, p. 69).

Deixemos de lado, aqui, os contos que formam os dois outros conjuntos e deixemos de lado inclusive o necessário inter-relacionamentos dos três conjuntos na visão totalizadora do livro, onde mulheres, homens e animais domésticos convivem e às vezes até se identificam, como em "O crime do professor de matemática", e fiquemos apenas, para terminar,



numa rápida observação sobre dois contos que consideramos chaves na leitura maior desse livro de Clarice: "Feliz aniversário" e "Os laços de família". Eles ilustram bem aquelas duas margens a que nos referimos: o real doméstico e o real misterioso que o acompanha.

No primeiro, os "laços" são frágeis e estão mais no nível do parecer, do estratagema e por isso a velha mãe contempla ironicamente a sua família como "azedos e infelizes frutos sem capacidade sequer para uma boa alegria". Nem todos haviam comparecido à festa dos 89 anos da mãe; um filho não veio, porque não queria ver os irmãos, "mas mandara sua mulher para que nem todos os laços fossem cortados". (p. 77). No fim, "A aniversariante recebeu um beijo cauteloso de cada um como se sua pele tão infamiliar fosse uma armadilha". Na saída, cada um vai "andando meio de costas, sem saber como se desligar dos parentes em brusquidão". A velha fica só: "A morte era o seu mistério". (p. 86).

Já em "Os laços de família", conto que parece ter dado título ao livro (notando-se entretanto a diferença estilística expressa pelo artigo), os "laços" são agora mais vínculos que estratagema: no caminho da estação, a filha fora lançada contra a mãe, "numa intimidade de corpo há muito esquecida, vinda do tempo em que se tem pai e mãe". A partir daí estava instaurado o mistério: voltando à casa, a filha toma imediatamente o seu próprio filho e sai com ele a passeio, sob a vista atônita do pai: "Agora mãe e filho compreendendo-se dentro do mistério partilhado" (1994, p. 125), numa simetria de relações de laços afetivos e também efetivos. Afinal, as duas margens desses laços da vida familiar de Clarice Lispector.

REFERÊNCIAS

LISPECTOR, Clarice. **Laços de Família**. 26. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

